

## UMA PRESENÇA DISCRETA: A OBRA DE MAURICE AGULHON EM PORTUGAL

139

Apesar de Maurice Agulhon ser um dos historiadores franceses da sua geração com uma obra mais inovadora e mais suscetível de abrir novos campos de investigação – da politização, à simbólica política e à sociabilidade – a sua influência em Portugal sempre foi discreta, apesar de grande parte da sua obra ter sido produzida numa época em que a presença da cultura francesa no país era forte e não tinha ainda sido destronada pela anglo-saxónica.

Sintomático é, sem dúvida, o facto de nenhum livro do autor ter sido traduzido em Portugal, sendo o seu único texto objeto de tradução no nosso país o artigo « Direita e esquerda, luta de classes ou luta de ideias?», um inédito publicado pela primeira vez na revista *Ler História* em 1986 e que o autor viria depois a incluir no vol. 2.º de *Histoire Vagabonde*. Este artigo retomava uma conferência que proferira no Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa (ISCTE) em 1984 aquando de uma curta estadia em Lisboa a convite do Centro de Estudos de História Contemporânea Portuguesa (CEHCP) então dirigido por Miriam Halpern Pereira.

Podemos interrogar-nos também sobre o eco, na aparência limitado, da obra de Agulhon entre nós na perspectiva dos laços estreitos que mantinham muitos historiadores portugueses com a historiografia francesa, não só pela já referida influência cultural daquele país em Portugal até anos relativamente recentes, como pela presença em território francês e na universidade francesa de um grupo de historiadores portugueses exilados que viriam a tornar-se bastante influentes em Portugal no pós-25 de Abril de 1974.

Na verdade, a nova dinâmica que a historiografia portuguesa adquiriu com o fim da ditadura e do claro isolamento cultural que ela tinha alimentado abriu novas e estimulantes oportunidades de contacto e intercâmbio com outras historiografias, multiplicando curiosidades e interrogações que haveriam de dar frutos a médio prazo. Neste contexto, os diálogos com a historiografia francesa multiplicaram-se embora os primeiros e mais significativos tenham sido mantidos com historiadores mais próximos dos paradigmas da história económica e social do que com os que seguiam os caminhos mais novos da história cultural e daquilo a que, na época, se designava por história das mentalidades.

O aparecimento relativamente tardio de Agulhon no horizonte dos universitários portugueses não pode ser desligado deste contexto. Há, no entanto, que notar que, embora pouco sistemáticos e difusos, os ecos dos

trabalhos de Maurice Agulhon no nosso país não deixaram de ser numerosos e de se revelarem bastante inspiradores. Embora sejam discretas as referências à sua obra, esta não deixou de ter impacto entre nós tendo sido muitas vezes precedida por a de outros historiadores também ligados à história cultural ou que para aí evoluíram como Georges Duby, Le Roy Ladurie, Philippe Ariés ou Michel Vovelle. O facto de qualquer destes autores e dos seus trabalhos aparecerem como mais claramente identificados com a história social e das mentalidades do que os de Maurice Agulhon, cujos interesses na esfera do político não eram tão claramente redutíveis a esse domínio, terá pesado possivelmente no mais precoce eco dos primeiros.

Das três temáticas-chave da obra de Maurice Agulhon acima enunciadas: a politização, as sociabilidades e a simbólica política – foram sem dúvida as duas últimas as mais influentes no nosso país. No entanto, *La République au Village*<sup>1</sup> foi uma das suas primeira obras a serem citadas em Portugal embora não por historiadores mas por sociólogos ligados à sociologia rural, como foi o caso de de João Ferreira de Almeida e de José Madureira Pinto.

Entre os historiadores da época contemporânea, a abordagem socio-cultural da política que aí é desenvolvida foi relativamente pouco cultivada e continuou a sê-lo até hoje, mesmo por autores que evocaram e promoveram o retorno do político e da política, mas que se confinaram a uma história narrativa bastante convencional.

Foi, sem dúvida, a área das sociabilidades que se revelou mais inspiradora. E não falamos somente da utilização do conceito que já faz parte do património analítico não somente da história mas também de outras ciências sociais, mas das sociabilidades enquanto terreno de pesquisa.

Esse novo terreno começou por ser explorado na obra de uma historiadora de Coimbra, Maria Antónia Lopes que, em 1987, publicou um livro com o sugestivo título de *Mulheres, espaço e sociabilidade*<sup>2</sup> onde se analisavam sociabilidades femininas de finais do século XVIII. A obra tinha o interesse adicional de constituir uma das primeiras abordagens coerentes da história das mulheres que começava então a dar os seus primeiros passos em Portugal. Nela a autora utilizava e discutia o conceito de sociabilidade evocando os escritos de Agulhon, em particular o prefácio de 1984 à reedição de *Pénitents et Francs-Maçons*<sup>3</sup>. Depois deste, vários outros trabalhos se seguiram tanto em Coimbra como em Lisboa, podendo-se assinalar, no

1 Maurice Agulhon, *La République au village. Les populations du Var de la Révolution à la Ile République*, Paris, Plon, 1970.

2 Maria Antónia Lopes, *Mulheres, espaços e sociabilidade. A transformação dos papéis femininos em Portugal à luz das fontes literárias*, Lisboa, Livros Horizonte, 1989.

3 Maurice Agulhon, *Pénitents et franc-maçons de l'ancienne Provence. Essai sur la sociabilité méridionale*, Paris, Fayard, 1968.

primeiro caso, os de João Lourenço Roque sobre a sociabilidade urbana, em particular a dos estudantes<sup>4</sup>.

No entanto, o estudo mais ambicioso realizado neste domínio foi a tese de doutoramento de Maria Alexandre Lousada apresentada em 1995 à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa intitulada *Espaços de sociabilidade em Lisboa*<sup>5</sup>. Embora este notável estudo não tenha sido publicado tornou-se uma referência em todos os trabalhos posteriores sobre sociabilidade, abrindo caminhos ainda não esgotados. Para além da presença de uma bibliografia bastante completa das obras de Agulhon, Maria Alexandre Lousada reconhecia a importância decisiva do autor para o seu campo de estudo, afirmando com grande clareza na introdução: «Na pesquisa histórica o trabalho já citado de Maurice Agulhon (*Pénitents et Francs-Maçons*) sobre as confrarias e as lojas maçónicas foi responsável pela ruptura epistemológica que marcou as pesquisas recentes sobre as sociabilidades urbanas».

Pouco tempo depois da apresentação da tese de Maria Alexandre Lousada, uma outra historiadora, neste caso de Coimbra, Ana Cristina Araújo, publicava a sua tese de doutoramento intitulada *A Morte em Lisboa*<sup>6</sup>. Colocada directamente sob a égide dos estudos de Philippe Ariés e de Michel Vovelle sobre aquela temática, a autora não deixa também de evocar na introdução a importância da obra de Agulhon para o estudo do universo confraternal escrevendo: «A diversidade orgânica e a crescente afirmação no plano cultural do associativismo confraternal levou-me a privilegiar, neste contexto e na esteira de Maurice Agulhon, o conceito de sociabilidade».

É também o conceito e o modelo analítico de Agulhon que servem de bússula a Maria Ana Bernardo na obra *Sociabilidade e Distinção em Évora no século XIX*<sup>7</sup>. A importância dos trabalhos de Maurice Agulhon é ali amplamente sublinhada e a sua bibliografia contém pelo menos seis títulos daquele autor, dos mais clássicos a outros menos conhecidos. Não era a primeira vez que a autora se debruçava sobre estas temáticas tendo já publicado anteriormente um artigo a elas consagrado, intitulado: «Espaços e práticas de sociabilidade: o associativismo no Alentejo durante o século XIX. Notas para o seu estudo»<sup>8</sup>.

4 João Lourenço Roque, «Coimbra de meados do século XIX a inícios do século XX. Imagens de sociabilidade urbana», *Revista de História das Ideias*, 12 (1990) pp. 201-317.

5 Maria Alexandre Lousada, *Espaços de sociabilidade em Lisboa: finais do século XVIII – 1834*, Dissertação de Doutoramento apresentada à FLUL, 1995.

6 Ana Cristina Araújo, *A Morte em Lisboa. Atitudes e representações, 1700-1830*, Lisboa, Editorial Notícias, 1997.

7 Maria Ana Bernardo, *Sociabilidade e Distinção em Évora no século XIX. O Circulo Eborense*, Lisboa, Edições Cosmos, 2001.

8 Maria Ana Bernardo «Espaços e práticas de sociabilidade: o associativismo no Alentejo durante o século XIX. Notas para o seu estudo», 2.º *Encontro de História Regional e Local do Distrito de Portalegre – Atas*, Lisboa, Associação de Professores de História, 1996, pp. 201-210.

Embora o termo sociabilidade não fosse utilizado, convém notar que um título da obra de Agulhon, *Le cercle dans la France bourgeoise*<sup>9</sup> aparecia já num artigo bastante anterior de Maria Carlos Radich, «Formas de organização política: sociedades patrióticas e clubes políticos, 1830-36»<sup>10</sup>, publicado em 1982.

À pesquisa destes historiadores haveria que acrescentar os contributos de outros investigadores sociais, como os da socióloga Maria de Lurdes Lima dos Santos cujos estudos foram precursores na centralidade que atribuíram ao conceito de sociabilidade no sentido proposto por Agulhon e importantes dinamizadores da história cultural no nosso país<sup>11</sup>.

Se as sociabilidades inspiraram, como se pode constatar, muitos investigadores portugueses, os estudos de Agulhon sobre a simbólica política não deixaram também de interessar e inspirar vários outros autores.

Neste domínio, convém lembrar os trabalhos de João Medina sobre a imagem do Zé Povinho, o conhecido estereótipo humorístico do povo português, rude mas sábio, esmagado pelos impostos e vítima de todos os governos, criado em 1875 por Rafael Bordallo Pinheiro. Num texto de 1981 consagrado a esta personagem adivinha-se já o conhecimento da obra de Agulhon<sup>12</sup>, mas é em estudos posteriores, relativos à imagem feminina da República portuguesa, que a influência de *Marianne au Combat* é claramente assumida<sup>13</sup>. Num artigo de 1993 o autor refere mesmo que esta obra «inaugurou a pesquisa iconográfica sobre o republicanismo».

O primeiro volume do ciclo de *Marianne*<sup>14</sup> inspiraria também a historiadora Magda Pinheiro que, em 1987, publicou um primeiro estudo sobre «A memória das Revoluções liberais através dos seus monumentos»<sup>15</sup>. Esta pesquisa iria conduzir, mais tarde, à publicação de um livro: *O liberalismo*

---

9 Maurice Agulhon, *Le cercle dans la France bourgeoise, 1810-1848. Étude d'une mutation de sociabilité*, Paris, Armand Colin, 1977.

10 Maria Carlos Radich, «Formas de organização política: sociedades patrióticas e clubes políticos, 1830-36», em *O Liberalismo na Península Ibérica na primeira metade do século XIX*, Lisboa, Ed. Sá da Costa, 1982, 1.º vol., pp. 117-141.

11 Maria de Lurdes Lima dos Santos, «Sociabilidade, comunicação e aprendizagem», em António Reis (dir.) *Portugal Contemporâneo*, Lisboa, Alpha, 1990, vol 1. Maria de Lurdes Lima dos Santos, *Intelectuais portugueses na primeira metade de oitocentos*, Lisboa, Ed. Presença 1985.

12 João Medina, «O Zé Povinho durante a República», revista *Clio*, Lisboa, vol. 3, 1981, pp. 103-126.

13 João Medina, «Oh! A República!...» *Estudos sobre o Republicanismo e a Primeira República Portuguesa*, Lisboa, INIC, 1990.

14 Maurice Agulhon, *Marianne au combat: L'imagerie et la symbolique républicaine de 1789 à 1880*, Paris, Flammarion, 1979; *Marianne au pouvoir: l'imagerie et la symbolique républicaines de 1880 à 1914*, Paris, Flammarion, 1989; *Les métamorphoses de Marianne: l'imagerie et la symbolique républicaines de 1914 à nos jours*, Paris, Flammarion, 2001.

15 Magda Pinheiro, «A memória das revoluções liberais através dos seus monumentos», em *Actas do Encontro «A Construção Social do Passado»*, Lisboa, 1992.

*nos espaços públicos*<sup>16</sup>, obra em que a autora refere explicitamente a importância de Maurice Agulhon como incentivo para o seu próprio trabalho.

A obra de Agulhon sobre a simbólica política ecoa também nalgumas passagens do importante livro de Fernando Catroga *O Céu da Memória*<sup>17</sup>, onde se reúnem capítulos da sua tese sobre *A militância laica e a discristianização da morte em Portugal*, datada de 1988<sup>18</sup>. Aqui as *Marianne* cruzam-se com toda uma constelação de referências a outros autores franceses que trabalharam sobre temas convergentes como o culto cívico dos mortos, a heroicização dos grandes homens e a criação do Panteão. A obra *Les Lieux de Mémoire*<sup>19</sup>, dirigida por Pierre Nora, é também um importante referencial para estes trabalhos sem que a originalidade dos mesmos seja minimamente afetada.

Se em Fernando Catroga a influência de Agulhon é relativamente difusa, ela adquire grande relevo no livro de Manuela Tavares Ribeiro, outra historiadora de Coimbra, intitulado *Portugal e a Revolução de 1848*<sup>20</sup>. Aqui deixamos o terreno exclusivo da simbólica política para entrarmos também no da história política mais clássica onde, no entanto, Maurice Agulhon também inovou com os seus estudos sobre a revolução de 1848 em França com títulos igualmente célebres tais como *1848 ou l'apprentissage de la République*<sup>21</sup> ou *Les quarante-huitards*<sup>22</sup>. Manuela Tavares Ribeiro revela-se uma boa conhecedora da sua obra referenciando na sua bibliografia, a par destes títulos, outros bem menos conhecidos como: «Fête spontanée et fêtes organisées à Paris» ou «L'allegorie civique féminine» publicado em 1973 na revista *Annales*.

Também Isabel Nobre Vargues, outra historiadora de Coimbra, na sua inovadora obra, *A aprendizagem da cidadania em Portugal 1820-1823*<sup>23</sup>, cujo título apresenta ele mesmo fortes ressonâncias agulhonianas, não esqueceu, na abordagem da cultura política do primeiro liberalismo português, a importância dos contributos daquele historiador.

Um uso diferente dos estudos de Agulhon foi feito por Miriam Halpern Pereira num número apreciável de trabalhos. Por exemplo, num artigo datado de 1988 intitulado: «Artesãos, operários e o liberalismo»<sup>24</sup> que desenha a

16 Magda Pinheiro, *O Liberalismo nos Espaços Públicos: A Memória das Revoluções Liberais através dos Monumentos que a Celebram*, Celta, Oeiras, 2000.

17 Fernando Catroga, *O Céu da Memória. Cemitério Romântico e Culto Cívico dos Mortos*, Coimbra, Minerva, 1999.

18 Fernando Catroga, *A militância laica e a discristianização da morte em Portugal 1865-1911*, Coimbra, 1988, 2 vols.

19 Pierre Nora, *Les Lieux de Mémoire*. Paris, Gallimard, 1984-1992.

20 Maria Manuela Tavares Ribeiro, *Portugal e a Revolução de 1848*, Coimbra, Minerva, 1990.

21 Maurice Agulhon, *1848 ou l'apprentissage de la République*, Paris, Seuil, 1973.

22 Maurice Agulhon, *Les quarante-huitards*, Paris, Gallimard, 1975.

23 Isabel Nobre Vargues, *A aprendizagem da cidadania em Portugal 1820-1823*, Coimbra, Minerva, 1997.

24 Miriam Halpern Pereira «Artesãos, operários e o liberalismo: dos privilégios corporativos para o direito ao trabalho (1820-1840)», *Ler História*, 14 (1988), pp. 41-86.

história das consequências sociais e políticas da implantação do liberalismo no mundo do trabalho industrial, publicado pela primeira vez na revista *Ler História*, diferentes trabalhos do autor são citados desde *Pénitents et Francs-Maçons* a um livro bastante mais ignorado e raramente citado em Portugal: *Une ville ouvrière au temps du socialisme utopique: Toulon de 1815 à 1851*<sup>25</sup>. Tal como noutros casos, de que sobressai a obra já citada de Isabel Nobre Vargues, as obras de Agulhon são utilizadas não tanto como inspiradoras directas de um tema, mas como referências conceptuais ou fontes de informação para procedimentos comparativos.

Quanto ao tema da politização, e conforme o que acima foi referido sobre as características da historiografia portuguesa após o famoso «retorno» da história política, não é surpreendente constatar que o termo, com referência expressa aos estudos de Agulhon, não tenha sido utilizado em Portugal antes dos anos de 1990. A primeira referência surge numa tese consagrada à violência no mundo rural no centro do país apresentada à Universidade de Coimbra por Maria Irene Vaquinhas e publicada em 1996 com o título de *Violência, justiça e sociedade rural. Os campos de Coimbra, Montemor-o-Velho e Penacova de 1858 a 1918*<sup>26</sup>.

Deve, no entanto, reconhecer-se que as diferenças entre os caminhos políticos percorridos pela França e por Portugal no século XIX punham algumas dificuldades à exploração desta linha de pesquisa entre nós. Como Ramón Villares muito justamente sublinhou num colóquio realizado em Roma sobre a politização dos campos na Europa do sul no século XIX<sup>27</sup>, as características do sistema político da Espanha da Restauração, que podem ser comparadas com as do Portugal da Regeneração assim como com outros países da Europa meridional, torna um tanto problemática a utilização do modelo de politização proposto por Agulhon para a França pós-1848. A França do sufrágio universal masculino e da aculturação política do mundo rural pela pedagogia das elites locais republicanas não encontra paralelo no mundo ibérico. Na verdade, o modelo de sistema político da Europa do sul, marcado pelo controle governamental das eleições, pelo clientelismo, pela tardia introdução do sufrágio universal masculino e por um acentuado analfabetismo do mundo rural, desenha, como Ramón Villares sublinhou, «uma socialização de valores políticos e ideológicos»<sup>28</sup> muito distinta da

25 Maurice Agulhon, *Une ville ouvrière au temps du socialisme utopique: Toulon de 1815 à 1851*, Paris, Mouton-EHESS, 1970.

26 Maria Irene Vaquinhas, *Violência, justiça e sociedade rural. Os campos de Coimbra, Montemor-o-Velho e Penacova de 1858 a 1918*, Porto, Afrontamento, 1996.

27 *La politisation des campagnes au XIX<sup>e</sup> siècle. France, Italie, Espagne et Portugal*, Roma, École Française de Rome, 2000.

28 Ramón Villares, «Política y mundo rural en la España contemporánea. Algunas consideraciones historiográficas», *idem*, pp. 29-46.

que é possível encontrar na mesma época na sociedade francesa. Mas se formas modernas como as do associativismo, podendo servir de respaldo à participação do mundo rural na política nacional, tardaram a surgir em Portugal e em Espanha, outras formas de integração na política nacional se manifestaram. A forma intensa sob a qual as populações rurais viveram os conflitos políticos da primeira metade do século XIX opondo liberais e absolutistas nos dois países ibéricos aponta nesse sentido.

Foi em parte nesta perspectiva que eu própria pretendi situar a minha tese de doutoramento orientada por Maurice Agulhon e apresentada à universidade de Paris I em 1995, um trabalho que deu lugar ao livro *Rebeldes e Insubmissos. Resistências Populares ao Liberalismo em Portugal 1834-1844*<sup>29</sup> que ele prefaciou. No entanto, se este estudo, que dá conta da adesão popular à contrarrevolução, pela diversidade de contextos estudados, não reflete a influência directa do modelo de Agulhon relativo à politização do mundo rural, nunca deixou de o tomar como referência, como exemplo ou contra-exemplo, e de se situar no âmbito do debate de que foi alvo. Um debate em que o próprio Maurice Agulhon participou em Roma, em 1997, que daria lugar ao volume *La politisation des campagnes au XIX<sup>e</sup> siècle*.<sup>30</sup>

No quadro desse debate situa-se também o contributo de José Manuel Tengarrinha ao mesmo volume, intitulado: «Le monde rural portugais au XVIII<sup>e</sup> et XIX<sup>e</sup> siècle»<sup>31</sup>. O debate sobre a politização do mundo rural português foi prosseguido mais aprofundadamente por este autor na obra: «*E o povo onde está?*» *Política popular, contra-revolução e reforma em Portugal*<sup>32</sup>.

No fim deste percurso no terreno das ressonâncias da obra de Maurice Agulhon na historiografia portuguesa, que está longe de pretender ser exaustivo podem-se retirar algumas conclusões provisórias. Em primeiro lugar, a de que embora com uma presença na aparência discreta, a obra deste grande historiador francês desconhecido entre nós do grande público, interessou, de facto, muitos historiadores portugueses e permeou as suas obras, contribuindo de forma clara para a introdução de novos instrumentos conceptuais e analíticos, de que o mais evidente é a «sociabilidade», alargando o seu terreno de pesquisa a novas temáticas. Em segundo lugar, a de que a recepção da obra de Agulhon em Portugal parece ter tido o seu

29 Maria de Fátima Sá e Melo Ferreira, *Rebeldes e Insubmissos. Resistências Populares ao Liberalismo em Portugal 1834-1844*, Porto, Afrontamento, 2002.

30 Maurice Agulhon «Présentation» e « Conclusion» *La politisation des campagnes au XIX<sup>e</sup> siècle. France, Italie, Espagne et Portugal*, Roma, École Française de Rome, 2000, pp. 1-11 e pp. 351-354.

31 José Manuel Tengarrinha «Le monde rural portugais au XVIII<sup>e</sup> et XIX<sup>e</sup> siècle» *La politisation des campagnes au XIX<sup>e</sup> et siècle. France, Italie, Espagne et Portugal*, Roma, École Française de Rome, 2000, pp. 315-326.

32 José Tengarrinha, «*E o povo onde está?*» *Política popular, contra-revolução e reforma em Portugal*, Lisboa, Esfera do Caos, 2008.

epicentro na Universidade de Coimbra embora tenha sido acompanhada por outras academias de norte a sul do país, tendo atingido nos anos de 1990 a sua maior expressão. Finalmente, que embora não tenha inspirado, como noutros países, programas coerentes de pesquisa, essa obra, repleta de propostas inovadoras e subtis, foi central como referência para a viragem cultural da história política e das culturas políticas entre nós de uma forma talvez tão ou mais incisiva e duradoura do que a de outros autores cujos trabalhos foram traduzidos e são mais familiares ao grande público.

*Fátima Sá e Melo Ferreira*  
???